



DIRECTOR
AUGUSTO

SUPLEMENTO INFANTIL DO JORNAL

DE SANTA
RITA

O SECULO

CONCURSO DE BONECAS

DESENHOS DE CASTAÑÉ

POR MARIA ALDA

A MARIA AFONSO OEIRAS

UM... dois... três... Já nasceram mais três pintainhos. E Marurra muito alegre, vai acarinhando os seus bichinhos, — como ela diz, — muito contente por ter a criação aumentado de número.

Dá gosto ver a gentil pequenita no meio de criação: Galinhas, gansos, coelinhos etc., espalhando milho aqui e ali. Depois deles terem o papinho bem cheio, vai regar o jardimzinho que lhe merece especial atenção e carinho, onde todos os dias colhe a mais linda flôr que encontra, para a oferecer à mãezinha.

Marurra é uma interessante garota de 12 anos, morena, de olhos muito lindos e meigos.

Tinha acabado a faina da rega do jardimzinho.

Cauçada, muito vermelha e transpirando por tôdos os poros, murmurava:

«Muito trabalho me dão estas queridas flores! Mas posso gabar-me de que ninguém as tem mais bonitas.»

— Ó Marurra.

— Vou já, mãezinha.

E, com um lindo cravo vermelho, que acabara de colher, foi ao encontro da mãe.

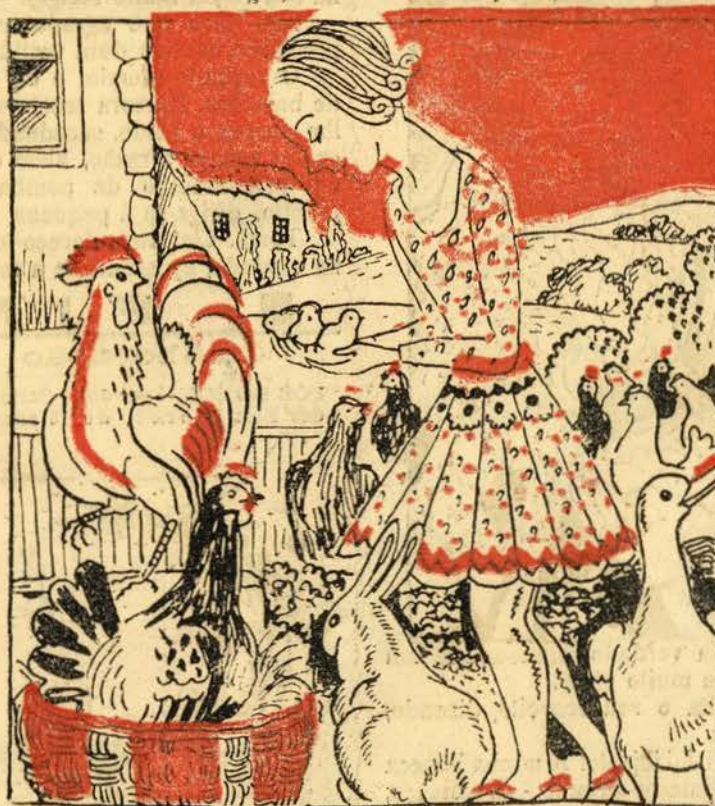
— Tu apanhaste sol, Marurra! Estás da cor do cravo que me trazes; (diz-lhe a mãe, beijando-a com ternura.)

— Sabes, Marurra, esteve cá a Ivone.

— Então, a mãezinha não me chamou?

— Ela vinha com pressa, saber se querias tomar

parte num concurso que o senhor Prior promoveu.
— De que se trata, mãezinha?



— Um concurso de bonecas. A menina que apresentar a mais linda boneca, vestida por ela, ganhará um prémio.

— Ó mãezinha, eu quero concorrer, tanto mais que tenho muito geito para essas coisinhas. E' a mãezinha a própria a dizê-lo.

— Sim, na verdade, a minha filhinha tem umas mãozinhas de fada...

.....
Estamos na sala onde se está realizando o «concurso de bonecas.»

Vêm-se muitos grupos de crianças. Sentado em volta duma mesa, estão os membros do júri de que faz parte o velho priór. Em cima duma grande mesa, estão as bonequinhas de todos os tamanhos. Na verdade, causa admiração a habilidade que as garotas tiveram para as fazer tão lindas.

Marurra, muito atenta, os olhinhos muito abertos, não se cança de dizer á mãe:

— Ó mãezinha, eu é que vou ser a primeira premiada. A minha boneca é a mais linda.

Finalmente, o «júri» decidiu, e o velho priór pega, sorridente, na boneca premiada, que é assim confeccionada: — A cabeça foi recortada dum postal, um bocadinho de pano vermelho fazendo de lenço, vestido de chita de côr garrida, tendo numa das mãos uma trouxita, e, na outra, um papelito com a seguinte legenda. «Rosita vai lavar a roupa».

O segundo prémio foi concedido á boneca de Marurra, muito linda também, mas em verdadeiro contraste com a primeira premiada. Toda ela se-



das e modernismo. Na verdade representava um trabalho delicado e de muito gosto.

Marurra não oculta o seu despeito, dizendo, ner vosamente, á mãe:

— «Mãozinha, o júri foi injusto! A minha boneca é que merecia o primeiro prémio.» E começa, muito rabinha, chorando baixinho.

Terminado o concurso, o velho priór faz a distribuição dos prémios, chamando a primeira premiada, que é uma pequenita de 9 anos, magrita, pobremente vestida, olhar meigo, que, muito



satisfeita, recebe o prémio — corte de fazenda para um vestido.

— Muito obrigada, senhor priór, (diz a petiza, na sua vózita muito meiga). —

Não tens que agradecer, minha filha. Bem precisada estavas dum vestidinho.»

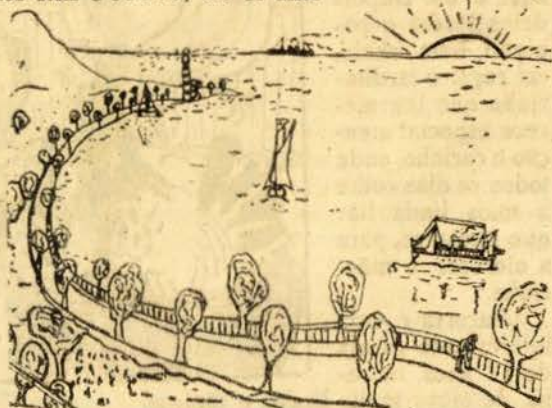
O segundo prémio, o da Marurra, é uma caixa de balachas. Marurra recebe-o satisfeita. E' que já lhe passou o amúo, sucedendo o que tinha de suceder: venceu a razão, além de que Marurra tem um coraçãozinho de pomba. E, recebendo seu prémio, dirige-se á pequena, dizendo:

Toma, Clarinha, ofereço-te o meu prémio. Tu, na verdade, apresentaste a mais linda boneca.

F I M

Colaboração infantil

POR DO SOL — por Julio Carlos dos Reis Flores, de 13 anos



MEGOISMO CÁSTIGADO

PARA BANDOLIM
OU VIOLINO

VERSOS E MÚSICA DE
RAUL LOPES DE OLIVEIRA



Nu-ma cer-ta ca-po-eira ha-via



um ga-lo-vai-doso. Nu-ma cer-ta ca-po-



eira ha-via um ga-lo vai-doso



que ba-ten-do o seu ri-val fi-eou,



por isso, or-gu-lhoso. que ba-ten-do o seu ri-



val. fi-cou, por isso, or-gu-lhoso. *Raul*

II

III

IV

Cheio de tal presunção,
Ufano, sobe ao poleiro,
E, a cantar de alto, apregoa
Ser o rei do galinheiro!

Soberbo por tal façanha,
Não presente a triste sorte;
Voando, passa um milhafre
Que o arrebatá e lhe dá morte.

Fica, assim, o outro galo
Com a corôa na crista,
Sofrendo sempre o castigo
Quem se tornar egoísta.



NÃO FAÇAS AOS OUTROS...

Por WANDA

Desenhos de Castañé



ERA' verdade que não se encontra, neste mundo, a Perfeição?

Parece que sim, porque o Hernani é um rapazinho que dizem exemplar, muito estudioso e esperto — com 9 anos já anda na 3.ª classe, onde é sempre dos primeiros classificados — ensinando os seus companheiros de muito boa vontade, muito carinhoso e amigo de seus pais. Enfim, tantas e tão boas qualidades que o tornam querido de todos os que o conhecem, mas tem um

pessimo costume, que é... Eu vou contar:
Quando sua mãe, geralmente á quinta-feira, lhe pre-

gunta se quiere sair com ela, responde, encantado, que sim, porque sente um especial prazer em acompanhar na rua a sua querida e linda mãizinha, assumindo, então, ao lado dela, uma atitude importante, um certo garbo, que lhe fica bem e parece querer dizer a toda a gente que vai ali pronto a defendê-la, se fôr preciso, a protegê-la, porque se sente um homenzinho... quasi um irmão mais velho!

Se vão, porém, fazer uma visita, depressa perde êsse garbo e toda aquela superioridade que parecia querer impôr, pela sua atitude, porque se torna um garoto imperitemente.

A' entrada, tudo vai muito bem: cumprimenta com muito propósito; responde, a tudo quanto lhe perguntam, com a sua graça muito natural e espontânea; mas, daí a pouco tempo, começa a mexer-se na cadeira, primeiro com subtileza, depois com impaciência, até que se levanta, e, ao pé da mãe, murmura, muito baixinho:
— Vamos embora!



Como a mãe finja não ouvir, vai elevando a voz:

— Vamos embora!

E vai subindo de tom... repetindo, cada vez mais alto:

— Vamos embora!

Até que a pobre senhora, depois de o repreender mais de uma vez, com um olhar zangado e desgostoso, se vê obrigada a sair, mal disposta e pesadosa.

Vendo a mágoa de sua mãe, Hernani mostra-se arrependido, faz solenes promessas de emenda, mas... depressa as esquece!

Um dia, precisando visitar uma prima e sabendo que ela tinha visitas nesse dia, por reccar que ele fizesse má figura, não o queria levar: mas o rapazinho tanto se lastimou, tantos promettimentos fez que, enternecida, não pôde resistir àquela vozita meiga, aos olhinhos implorativos do seu filhinho querido:

— Mãezinha, leve-me, que eu gosto muito da prima Fernanda. Em casa dela não me aborreço. Vai ver como estou com juizinho. Deixe-me ir consigo, mãezinha!

Com a sua *gabardine* verde, o seu boné de cabedal, lá ia ele, todo ufano e altivo, guardião do seu Anjo da Guarda, prometendo a si próprio, com todo o anseio e sinceridade do seu coraçãozinho amoroso, não ser impaciente e estar, até ao fim, com o propósito dum senhor, para mostrar à sua boa mãezinha que sabe cumprir as suas promessas.

E, de facto, encantou todas as senhoras com o seu lindo aprumo, conversando em termos atilados, com um certo espirito, sobre os seus estudos, seus gostos de *sport* e até sobre as suas aspirações, e tamanha graça, inteligência e simplicidade tinham as suas palavras que, durante bastante tempo, entreteve as visitas. Quando elas souberam que Hernani já tocava no violino algumas árias, deram-se logo por convidadas para um concerto, quando já tivesse reportório suficiente.

E a conversa generalizou-se...

Sentindo-se esquecido, começou o tormento do pequeno. Era um nervoso que se apoderava dele e que o não deixava estar quieto. Com um ar comprometido, pro-



curava cumprir a sua promessa, mas que sacrifício, Santo Deus! A conversa das senhoras não o interessava mesmo nada: trapos, modas, teatros, a vida íntima das amigas ausentes... Sentia falta de ar... Parecia-lhe ter os nervos mais emaranhados do que as linhas dum novelo.

Vendo-o a rebolar-se na cadeira, a mãe puxou-o para si e disse-lhe, meigamente, que fôsse brincar para a gran-

de varanda onde a prima Fernanda tinha flores tão bonitas.

Foi entretenimento duns minutos: Não tinha com quem falar, não podia cantar, nem assobiar, nem pular... que havia de fazer?! E, pouco depois, começou, muito baixinho:

— Vamos embora!

Calou-se um instante, apoquentado, vendo o olhar re-



preensivo que sua mãe lhe dirigiu. Mas, passado um instante, recomeçou:

— Vamos embora!

Não querendo que, depois de tanto lhe terem elogiado o filho, aquelas senhoras notassem a impertinência dele, a pobre senhora, arranjando um pretexto, saiu. Mas vinha tão desgostosa e amargurada que Hernani lhe viu lágrimas nos olhos. Ficou acabrunhado, o rapazinho, e caminhava, sucumbido, ao lado da mãe. Num impulso carinhoso, pegou na mão dela e beijou-a. Depois, com ar travesso, para a alegrar, começou a fazer a crítica e a caricaturar, imitando a fala e os gestos das senhoras que tanto o tinham amimado.

Era uma garotice... mas tinha tanta graça que a mãe não pôde deixar de rir. E ele, então, já desanuviado, terminou:

— A mãezinha também estava muito aborrecida, pois não estava?

E, contente, dominado pela satisfação de estar na rua, de caminhar debaixo da luz suave daquela linda tarde, depressa esqueceu o desgosto que dera à mãe.

A' noite, o pai soube, por sua mulher, o que se tinha passado e ficou apreensivo, porque queria que o filho aprendesse a dominar as suas impaciências.

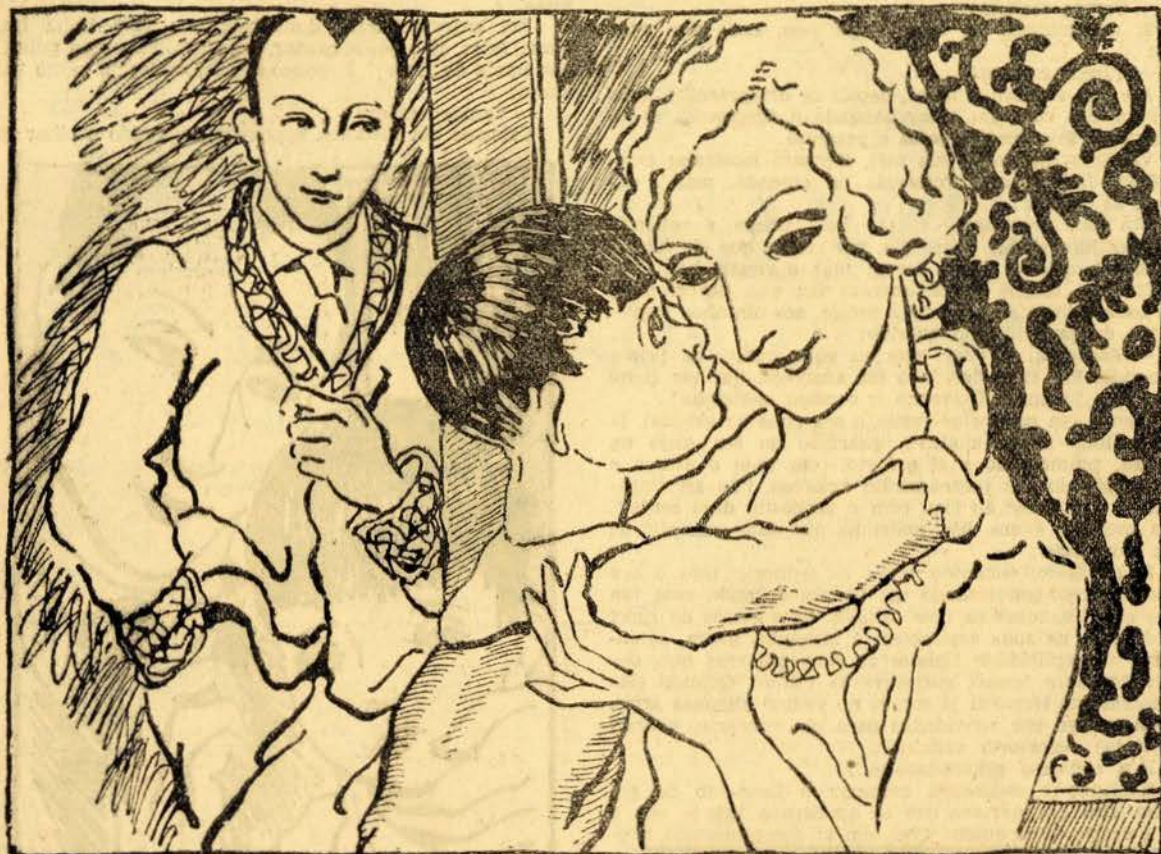
Na quinta-feira seguinte, uma radiosa manhã de Maio, quando Hernani cantava, tocando no violino,

*Alvorada!... Já tocam alegres
As cornetas do meu batalhão!
Minha vida darei pela Pátria
Linda Pátria do meu coração.*

o pai perguntou-lhe se queria, nessa tarde, ir ao cinema.

Era a sua paixão, o cinema!

Não havia, para ele, melhor divertimento do que ver as fitas do Pat Patachon, Bucha e Estica, Charlot, enfim, todos os cómicos do Cinema ele conhecia e todos lhe faziam soltar gargalhadas tão vibráteis que alegravam quem as ouvia. Os bonecos animados também o encantavam.



Pulando, de contente, abraçou e beijou o pai, que o olhava dócemente, mas preocupado.

E Hernani voltou para o seu violino, cantando a sua

Alvorada!... Já tocam alegres...

E que alegre lhe saía esta alvorada!

Lá vai ele com o seu *paletot* azul, muito justo ao corpinho delgado e flexível, blusa branca com gola por fóra e... o seu eterno garbo de *sportman*, a caminho do *Royal*, que ficava ao pé de casa.

Os bonecos animados deliciaram-no, comentando, no fim:

— O' paizinho, isto é uma coisa muito bem feita, não é? As pessoas ainda eu compreendo como podem estar ali a mexer-se... mas estes bonecos... Sempre gostava de saber como isto é!

Seguia-se uma fita cómica de Laurel e Oliver, que já o tinha feito rir, num esufiante entusiasmo, mas, justamente numa parte mais interessante, o pai levanta-se, dizendo:

— Vamos embora!

— Paizinho, não é possível! — respondia, sobressaltado, o pequenito. Isto é tão engraçado!

— E' possível, sim. Vamos embora — continuava, imperturbável, o pai.

— Deixe, ao menos, acabar esta fita, embora não espere pela outra, que eu também gostava tanto de ver, porque entra o Karl Dane...

— Mas eu quero ir já — terminou o pai, levantando-se.

E o pobre Hernani, sem nada perceber, cabisbaixo e amuado, a perfeita imagem da desolação, seguia atrás...

— Também não percebo para que quis o paizinho vir, se tínhamos de sair no melhor... Realmente, não percebo!

Não obtendo resposta, continuou calado todo o caminho, sempre sem levantar os olhos do chão.

Em casa, o pai levou-o para o escritório e sentando-o ao lado d'ele, muito sério e grave, perguntou-lhe:

— A fita estava a agradar-te? Gostavas de ter ficado até ao fim do espectáculo? E' natural, visto que com essa intenção para lá foste. Pois é o que acontece á tua mãe, quando vai contigo fazer uma visita. Também ela se sentia bem em casa da prima Fernanda e tu, no meio duma conversa que a interessava, forçaste-a a vir-se embora, porque ela preferiu sacrificar-se, para que as outras pessoas não percebessem quanto o menino era impertinente e voluntarioso, tão pouco amigo de sua mãe que não se importava de a contrariar. E' esse seu procedimento tem-se repetido muitas vezes. Como vês, foi o que hoje te fiz. Estás contrariado? Achaste mal feito? O mesmo acontece a tua mãe, quando assim procedes!

«Olha, Hernani, Nosso Senhor disse: — Não faças aos outros o que não queres que te façam.»

Ouve: procura perceber bem estas palavras: — Se seguires, pela vida fóra, este preceito, terás ganho muitas probabilidades de ser feliz, e se toda a gente o compreendesse e cumprisse, não haveria tantas desgraças por esse mundo!

Sem responder, o pequeno abraçou seu pai e correu a ajoelhar-se aos pés da mãe, pedindo perdão, que ela logo lhe concedeu, entre beijos e lágrimas de ternura e alegria.

Nesse dia, ninguém o ouviu rir. Pensava... pensava... um vinco na testa, os olhos fixos num ponto vago...

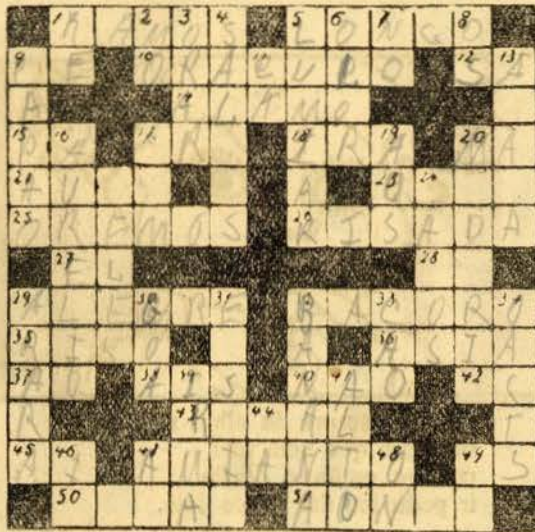
A mãe olhava para ele aflita, por não ouvir os seus risos, porque o chilrear daquele passarinho era a alegria da casa. Mas o marido disse-lhe:

— Deixa-o. Está reflectindo no que se passou. Verás que aproveita a lição, porque tem a minha força de vontade e a docura da tua alma — terminou ele, acariciando a mulher.

E eu posso afiançar-lhes que a mãe de Hernani continuou a fazer as suas visitas, acompanhada do filho, demorando-se sempre o tempo que desejava, porque ele queria mostrar ao pai que tinha compreendido a lição e queria estar bem com Nosso Senhor: — Não fazendo aos outros o que não queria que lhe fizessem.

HORA DE RECREIO

PALAVRAS CRUZADAS

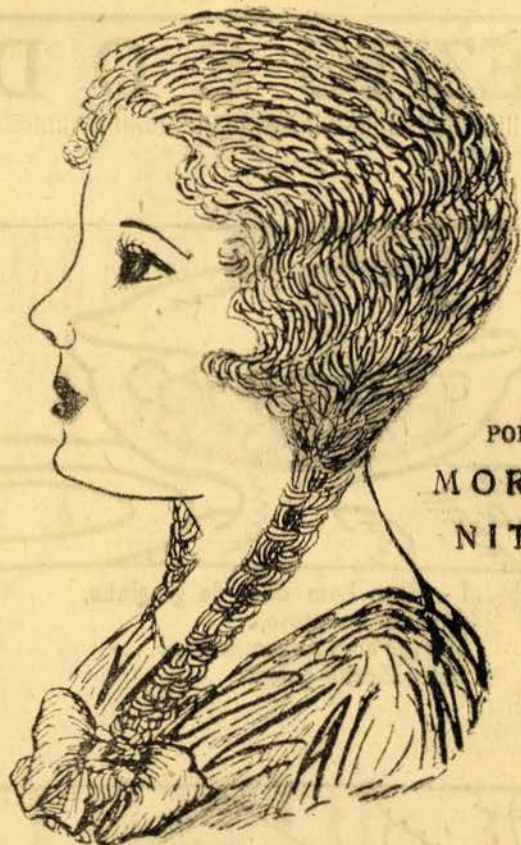


Horizontais: — 1, Nas arvores. 5, Extenso. 9, Parte do corpo. 10, Adivinha. 12, Apelido. 14, Arvore. 15, Instrumento do torneiro. 17, A favor. 18, Raiva. 20, Ruim. 21, Vento brando. 23, Um dos estados da Arabia. 25, Resemos. 26, Gargalhada. 27, Artigo espanhol. 28, Preposição. 29, Contente. 32, Porco. 35, Acção de rir. 36, Parte do mundo. 37, Preposição e artigo. 38, Suspiros. 40, De modo nenhum. 42, Artigo (pl.). 43, Divisão dum caminho. 45, Gemido. 47, Substancia mineral, fibrosa e incombustivel. 49, Artigo (pl.). 50, Prova. 51, Adverbio de lugar.

Verticais: — 1, Do navio. 2, Pedra. 3, Resar. 4, Casas. 5, Junto ao Campo Grande. 6, Cheiro. 7, Laço. 8, Artigo (pl.). 9, Comilão. 11, Aqui. 13, Sacode. 16, Nome masculino. 17, Estampido. 19, União de preposição e artigo (pl.).

A
D
I
V
I
N
H
A

POR
M
O
R
E
-
N
I
T
A



Vejam se descobrem como se chama esta mênina?

.....
20, Assunto. 22, Sem valor. 24, Maneiras. 29, Ave. 30, Distrito da India Portuguesa. 31, Preparo. 32, Fruto. 33, Animal. 34, Areal coberto de vegetação nos desertos. 39, Parente. 41, Elevado. 46, Verbo. 47, Carta. 48, Anagrama de nó. 49, Ditongo.

RAUL REIS DE OLIVEIRA

PARA OS MENINOS COLORIREM



O PASSARO DA CAUDA DE GAZE — (Stipiturus malachurus)

ZÉZITO E O DOCE DE GINJA



I — Que bom doce de ginja,
deveras apetitoso,
que fez hoje a mamãzinha!...
Diz o Zézito guloso.



II — E, sempre de olhos no dito,
saboroso que nem mel,
resolve, então, o Zézito
ir pedir-lhe um pouco dele.



III — Pede, de facto, ao serão,
nem que seja só um pingo.
Mas a mãe diz-lhe que não,
pois o doce é p'ra domingo.



IV — Zézito, então, chora, brama,
na ameaça dum açoitete;
e é levado para a cama,
mais cedinho, nessa noite.



V — Fartinha de ouvi-lo aos ais,
na cama que é parte quente,
diz-lhe a mãe: — «Se choras mais,
dou-te um açoitete valente».



VI — E então, nessa mesma noite,
Zézito volta: — está bem,
mas, ao vir dar-me o açoitete,
traga-me o doce também».